

## NAS ÁGUAS DA AGA: REFLEXÕES SOBRE A ASSOCIAÇÃO GAÚCHA DE ARTE-EDUCAÇÃO E SUAS REVERBERAÇÕES NA HISTÓRIA DO ENSINO DA ARTE NO RS

Auta Inês Medeiros Lucas D´Oliveira<sup>1</sup>  
Mirela Ribeiro Meira<sup>2</sup>

Este artigo resulta do recorte de uma investigação de mestrado desenvolvida junto ao Núcleo Transdisciplinar de Estudos Estéticos, NUTREE, do Curso de Pós-graduação em Artes Visuais, da linha de Pesquisa Ensino da Arte e Educação Estética, na Universidade Federal de Pelotas, RS, realizada por uma das autoras deste artigo e orientada pela outra. Quatro mãos uniram-se para relatar, aqui, o resultado da investigação que se apropriou da metáfora da *água/AGA*- em razão de sua relação afetiva com a autora da pesquisa- para focalizar-se na influência dos grupos afetivos, tribos e associações de Arte Educação na história do ensino da arte no RS. Esta, sob o foco da perspectiva ético-estética, ao tratar de uma arte de viver sob a *socialidade*, expõe uma configuração que inclui a paixão no seio do social. A investigação realizou uma análise documental da trajetória da Associação Gaúcha de Arte-Educação, a AGA. Neste artigo, foram tomados de forma resumida depoimentos de ex-presidentes e militantes da AGA/RS e dados recolhidos em centenas de documentos, entre eles, boletins, fotografias, cartas, manifestos, livros de atas, panfletos, jornais, car-

1 Arte-Educadora, Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/Centro de Artes, UFPel.

2 Arte-Educadora, Doutora em Educação, coordenadora da Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da UFPel e docente do Mestrado em Artes Visuais do PPGAV/CA/UFPel.

tazes e programas de eventos, reunidos em um acervo rico e inédito, disponibilizado pelos protagonistas da história da AGA. Somente uma parte desse acervo foi analisada neste trabalho, organizado em sete *portos*, metáforas construídas para o trabalho que consideraram um *porto* para cada presidente da AGA.

## A NASCENTE

*Gosto de banhos de rio, a carícia das correntes de ar,  
O prazer do sol queimando a pele, e nas piscinas de lama, a terra fluida:  
Os quatro elementos moventes.  
Michel Serres*

O som das palavras se assemelha: AGA e água. A metáfora do rio é utilizada para estimular o fluir de nossas palavras ao relatarmos a investigação sobre alguns dos rumos da Associação Gaúcha de Arte-Educação, a AGA, por vezes chamada de AG(u)A. Metaforicamente, o tema da AG(u)A nos pareceu relevante por compreender o braço gaúcho de um caudaloso rio que deságua no mar da história da Arte-Educação brasileira. Sua criação coincidiu com a época da redemocratização do país, com a elaboração de uma nova Constituição

pós-ditadura militar, com a eclosão de diversos movimentos sociais, como as *Diretas Já*, e com as discussões que resultaram na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a LDBEN 9394/96.

Iniciamos a navegar na década dos anos 1970, época da promulgação da LDB que criou a *Educação Artística*<sup>3</sup>. Dez anos depois, no início dos anos oitenta, espalhada por vários núcleos pelo estado, nasce a AGA, que fez parte da formação de uma geração de arte-educadores, onde nos incluímos.

A arte educação foi fundamental em nossa constituição identitária de educadoras de arte. Somos filhas de duas arte-educadoras: uma, presidente e vice-presidente da AGA/núcleo de Pelotas; outra, a primeira presidente da AGA. Seguindo o exemplo das mães, cursamos, as duas, as Licenciaturas Plenas em Educação Artística- Habilitação em Artes Plásticas: uma, na Universidade Federal de Pelotas, UFPel, RS, entre 1987 a 1990; a outra, na Universidade da Região da Campanha, em Bagé, RS, entre os anos 1979 a 1982. Naquela época, nós, jovens estudantes, estávamos interligadas por uma meta: a manutenção do ensino da Arte na nova legislação educacional pós-ditadura militar.

---

3 Fundamenta-se na Arte-Educação, amplo movimento social em torno da defesa e da qualificação do espaço da arte na educação formal e não-formal iniciado no final dos anos setenta, com raízes plantadas no movimento Escola Nova e no movimento de *Educação Através da Arte*. Caracteriza uma atitude de investigação sobre o modo como se aprende e ensina arte, nas escolas e espaços culturais. A *educação através da arte* corresponde à concepção de arte-educação proposta por Herbert Read (1943) e difundida pelo Movimento de Escolinhas de Arte, iniciado em 1948, com a criação da Escolinha do Rio de Janeiro. (cfe. MEIRA, 1995).

A importância das mães, além do caráter afetivo e profissional, representa simbolicamente a ligação com a terra, *pachamama*<sup>4</sup>, ou com o que Maffesoli chama de *pensamento matricial*, o qual aponta o uso de uma nova e fecunda epistemologia, a *razão sensível*, um conhecimento incorporado, erótico, que *ama aquilo que descreve*. Em *Elogio da Razão Sensível*, Maffesoli (1998, p.36) defende que “assim como a atração erótica está na base da organização tribal de nossas sociedades, o conhecimento erótico será um instrumento importante para perceber aquela”.

Diante de nosso envolvimento afetivo com o tema, o uso da razão sensível se ajustou à aproximação e ao tratamento das fontes e objetos da pesquisa aqui descrita. Nessa perspectiva, “o apetite participa da construção do saber. *Libido sciendi*. Uma *apetência* como condição de *competência*” onde o emocional fundamenta-se em sentimentos comuns, na vivência e experiência partilhadas de “pequenas tribos [que] proliferam na vida cotidiana” (MAFFESOLI, 1996, p. 96).

É nesse sentido que retornamos à AGA como associação de pertença, como vínculo afetivo e carismático, partindo da instituição que remete ao *poder* para chegar à *tribo*- que remete à *potência*. Potência que advém da paixão social e que transforma o indivíduo de espectador social em integrante da coletividade (MAFFESOLI, 2001). Atualmente, no site da FAEB<sup>5</sup>, a AGA aparece como *desativada*. Porém, desde 2005, um grupo de discussões no espaço virtual<sup>6</sup> mantém a conexão entre centenas de arte-educadores gaúchos.

4 *Pacha Mama* ou *Pachamama* (do quíchua Pacha, “universo”, “mundo”, “tempo”, “lugar”, e *Mama*, “mãe”, “Mãe Terra”) é a deidade máxima dos Andes peruanos, bolivianos, do noroeste argentino e do extremo norte do Chile. Vários autores a consideram uma divindade relacionada à terra, à fertilidade, à mãe, ao feminino. (Fonte: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacha\\_Mama](http://pt.wikipedia.org/wiki/Pacha_Mama), acessada em 17/02/2014 às 20h).

5 Federação dos Arte-Educadores do Brasil, criada em 1987.

6 <http://br.groups.yahoo.com/neo/groups/AGArs>

Investigamos a trajetória da AGA e do movimento de arte-educação gaúcho como objetos moventes, tal qual um rio, que atravessa o tempo e nos arrasta junto. Como Bauman (2001), percebemos que os líquidos mudam de forma muito rapidamente, incapazes de manter a mesma forma por muito tempo. Buscamos, entre documentos e depoimentos, compreender melhor de onde vieram as ág(u)as da arte-educação neste Rio Grande do Sul. Vasculhamos o curso da história da AGA correnteza acima e abaixo, aportando o barco de nossas reflexões em diferentes períodos, pessoas, teorias e práticas.

## AS MARGENS

*Margem direita ou margem esquerda, pouco importa, nos dois casos:  
terra ou solo.  
Não se nada, espera-se por andar, como alguém que salta no ar e desce,  
mas não permanece em seu voo.  
Michel Serres*

Longe de elaborar um compêndio oficial da história da AGA, ensaiamos aqui *contornos*. Ao dar forma à AGA, vamos (re/trans) formando a nossa própria humanidade, imersos em um permanente processo de formação e transformação.

A fim de compreender melhor de onde vieram as ág(u)as da arte-educação contemporânea, percorremos o curso da história da AGA correnteza acima, atracando nosso barco em diferentes períodos, teorias e práticas. Em relação aos aspectos históricos, tal como escreveu Walter Benjamin (1994, p. 232), acreditamos que “o historiador capta a configuração em que sua própria época entrou em contato com uma época anterior”. A proposta é dialogar com as fontes, ciente de que nossas conclusões serão fruto de interpretações influenciadas pela época em que vivemos. Apresentamos aqui nossa versão contemporânea dessa história, que represente nossa precária, mutante e atual verdade, em meio a tantas verdades possíveis.



*O Tempo das Tribos* (2000, p.22), Maffesoli salienta que “aquilo que caracteriza a estética não é de modo algum uma experiência individualista ou interior, antes pelo contrário, é uma outra coisa que, na sua essência, é abertura para os outros”.

Ainda na primeira página do referido documento, o texto deixa-nos entrever outras duas questões que virão à tona no decorrer deste trabalho: a temporalidade indeterminada dessa associação e a configuração em núcleos no interior e na capital. Tal referência a um trecho do regulamento da Associação diz que “A AGA é uma sociedade civil, sem fins lucrativos, com duração indeterminada, constituída de arte-educadores e pessoas interessadas em Arte-Educação da capital e do interior”.

Capital e interior tinham seus núcleos e a “estadual” seria o polo aglutinador de todos os núcleos, formação *sui-generis* entre todas as outras associações de arte-educadores do país e que mais tarde serviria de exemplo para a própria configuração da FAEB, segundo o depoimento abaixo de duas de suas fundadoras, Marly Meira e Ivone Richter:

Nós tínhamos consciência disso: é que o Rio Grande do Sul, ele tem um panorama diversificado de culturas, né? De etnias diferentes, na formação do RS. A região da campanha é diferente da região aqui de Caxias, do alto da serra, que é diferente daqui de Porto Alegre, que é cosmopolita, que é diferente de Pelotas (...) então, a gente achou que pra tu trabalhar arte e vida, tu tem que trabalhar contexto cultural, assim como ele acontece no cotidiano das pessoas. Por isso que a gente já tinha na AGA assim a ideia de núcleos regionais. (MEIRA, Entrevista, 31/05/2013)

Com o mestrado, eu já fui pesquisadora CNPq, eu já tinha grupo de pesquisa e tudo, porque era assim, ó, era quase o máximo que havia, naquele momento, né? E lá então, em Santa Maria, a gente já fez um grupo de estudos (...) aí, quando houve essa reunião e tal, que estavam outras pessoas, a Marly já estava criando também o seu grupo em Bagé. Então, na verdade, a AGA foi a única associação de todas da FAEB que começou no interior e não na capital. Então, eu acho que isso é uma característica muito interes-

sante da AGA, e característica nossa, de gaúchos. Porque havia grupos fortes em Santa Maria, Bagé, eu não sei se Rio Grande também. (RICHTER, Entrevista, 23/04/2013)

Visto que cada núcleo do interior do estado teria seu respectivo contexto respeitado, a capital, Porto Alegre, deveria criar também seus próprios núcleos, ligados a um núcleo central com sede inicialmente no endereço cedido pelo CDE<sup>7</sup> de Porto Alegre.

A constituição uno-múltipla da AGA pareceu complexa demais para alguns arte-educadores da época, conforme relata o depoimento a seguir:

A gente fazia as reuniões da AGA em Porto Alegre, mas, e pro pessoal entender que tinha que ter um núcleo de Porto Alegre? Isso era uma coisa que não conseguiam entender, porque, imagina né? Porto Alegre tinha que ter a sede, mas, na verdade, não tinha que ser sede nenhuma. Então, nessa ocasião, a gente já tava um pouco com a, com o espírito da FAEB, né? De que a FAEB se decidiu que seria itinerante. Mas isso da AGA foi o que talvez tenha influenciado também para que na FAEB a gente fizesse assim, entende? (RICHTER, Entrevista, 23/04/2013)

---

7 Na época da criação da AGA, existiam três Escolinhas de Arte ligadas à SEC, os CDEs: Centro de Desenvolvimento da Expressão Odessa Macedo, em Bagé, o CDE Carlos Barone, de Passo Fundo, e o CDE de Porto Alegre.



Fig.02. III Congresso da FAEB em São Paulo/1990. Representantes da AGA assumem pela primeira vez a diretoria da FAEB. Ao centro da foto, a recém-empossada presidente Ivone Richter e à esquerda, a então presidente da AGA Cleusa Peralta. Doação para o Acervo da pesquisa.

Continuando nosso percurso rio acima, quase na *fonte* desse movimento de arte-educação que originou a AGA e posteriormente a FAEB, encontramos outro movimento que atendia por MEAB – Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil.

Já dissemos que a AGA foi criada em Bagé durante o 2º Encontro de Escolinhas de Arte do Rio Grande do Sul, mas seria imprescindível perguntar: “Se Bagé realizou o segundo encontro, onde e como teria sido o primeiro?” Deste, realizado em Porto Alegre, temos o seguinte registro fotográfico:



Fig.03. Ao centro: Noêmia Varela e Augusto Rodrigues, e demais participantes que deram continuidade ao movimento em vários locais. Foto: Doação ao acervo da pesquisa.

Augusto Rodrigues foi o fundador da primeira Escolinha de Arte do Brasil<sup>8</sup>, no Rio de Janeiro, em 1948. Noêmia Varela uma das principais militantes do MEAB e fundadora da Escolinha de Arte do Recife, em 1953. Ambos fundadores da SOBREART<sup>9</sup>, órgão que representava o Brasil na INSEA<sup>10</sup>.

8 Segundo a publicação do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. *Escolinha de Arte do Brasil*. IN: REVISTA DO INEP. MEC/SEC, 1980.

9 Sociedade Brasileira de Educação através da Arte, fundada em 1973.

10 International Society for Education through Art - sociedade internacional de educação através da arte - criada em 1953 e ligada à UNESCO/ONU. A INSEA continua atuante até hoje, sendo a instância internacional do movimento de arte-educação. Segundo a mesma Revista do INEP referida acima, Herbert Read foi o primeiro presidente da INSEA, sendo Augusto Rodrigues um de seus sócios fundadores.

O movimento de escolinhas de arte no Rio Grande do Sul foi bastante forte, como podemos comprovar no trecho a seguir do Boletim “inFORMA”:

A história do Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil nos mostra que o Rio Grande do Sul não só teve maior número de Escolinhas do que outros estados como também atividades mais contínuas e permanentes. Segundo levantamento feito para o I Encontro Estadual de Escolinhas de Arte/RS, tínhamos em 17 municípios, 23 Escolinhas em 1977. (*inForma*,1986)

Sobre as memórias desse primeiro encontro, Marly Meira conta:

Primeiro encontro: na época era o Guazzeli, governador do estado. E a Ecléia Guazzeli era muito amiga da Maria Leda Macedo, que era diretora da escolinha de arte (CDE) de Porto Alegre que era ligada à Secretaria de Educação. Então, assim, foi lá na Vila Manreza, não tinha como chegar até lá que era assim, no meio aqui do Morro do Sabiá, que é no meio de uma floresta. O quê que a Ecléia Guazzeli fez? Um trator abriu uma picada até lá e a gente ficou três dias lá, relatando uns pros outros o que que a gente tava fazendo em matéria de arte-educação no RS. (MEIRA, Entrevista, 31/05/2013)

E concluindo o trajeto rio acima, entre picadas e florestas, chegamos à nascente, pedra bruta desse reino mineral: a Lei nº 5692/71. Lei da época do regime militar no Brasil, que determinava as diretrizes e bases da educação nacional e criava, instituindo como obrigatória, a disciplina de Educação Artística em todos os níveis do Ensino Fundamental e Médio, na época, 1º e 2º graus. Com essa Lei nasceu oficialmente a figura do arte-educador nas escolas brasileiras.

Conforme uma das entrevistadas, mentora e coordenadora de diversos Seminários Nacionais de Arte-Educação da FUNDARTE/Montenegro, a professora Isabel Petry, antes de 1971 não havia esse vínculo formal da arte com a educação. O que existiam eram disciplinas isoladas e técnicas, tais como o Desenho Geométrico, o Desenho

Técnico e o Canto Orfeônico, sem que houvesse uma preocupação a respeito da integração entre as áreas artística e pedagógica.

A disciplina era Desenho. Nós não nos chamávamos arte-educadores. Era Desenho. Eu acho que quando começa a Educação Artística aí então começa uma discussão de arte e educação. Mas antes não. Porque era bem sectário (...) então não havia essa inter-relação, não havia nada com Arte. (PETRY, Entrevista, 03/04/2013)

Somente após a obrigatoriedade da disciplina Educação Artística, mais especificamente em 1973, é que foram criados os cursos universitários que juntavam educação e arte. Primeiro vieram os cursos de dois anos de duração, chamados de *Licenciatura Curta*, e depois os de quatro anos de duração, as *Licenciaturas Plenas*. Portanto, até que as primeiras turmas fossem formadas, a disciplina era ministrada majoritariamente por professores desqualificados ou em desvio de função, situação que se mantém até hoje, conforme a fala de Luciana Loponte, professora pesquisadora da UFRGS, última presidente e atual mediadora da AGA-virtual:

Ainda temos um problema sério da formação de professores. Quem é o professor que tá lá? E o que me assusta é isso, é, a gente, eu tô dando aula formando, né, professores na principal Universidade do Rio Grande do Sul. Eu tô com uma turma este ano de 14 estagiários, a Paola (Zordan) tá com uma turma de 15. Nós estamos com praticamente 30 agora. Dos meus, a maioria chega dizendo que não quer ser professor, só quer terminar o curso pra ter o diploma. (...) Mas não tem intenção. Claro que isso vai se modificando ao longo do ano. Ano passado também era um pouco assim e se modificou. Tem alguns que vão, né, eu sei que vão ser professores, mas, quer dizer, é isso (...) e aí tu chega nas escolas, a maioria não é formada, quem tá dando aula de artes é o professor de matemática, é o professor de qualquer coisa pra cumprir carga horária. (LOPONTE, Entrevista em 02/04/ 2013)

## DE VOLTA ÀS CORREDEIRAS RIO ABAIXO

Após percorrermos o contrafluxo até a nascente do movimento, voltamos ao ponto inicial da criação da AGA, o ano de 1984. Acompanharemos a partir de agora alguns fatos marcantes na história dessa instituição que estarão mais elaborados na apresentação final desta pesquisa. Como norteadores dessa descida rio abaixo consideraremos sete pontos, um para cada presidente da história da AGA.

### 1º PORTO: MARLY MEIRA (AGA-Bagé e Presidente da AGA - Estadual de 1984 a 1986)



Fig.04. Marly Meira, 2013. Acervo da Pesquisa.

*Para mim, a AGA foi a primeira prática de consciência política que eu tive. Acho que essa frase resume tudo. De que eu tinha que sair do meu espaço restrito que era a escola e partir para buscar condições de trabalho que pudessem realmente propiciar que a arte fosse valorizada na educação. E que ela fosse praticada pelas pessoas não só num nível do artista, vamos dizer, excepcional, mas no nível cotidiano, assim, ligado à vida. É essa a ideia que a gente tinha quando a gente criou a AGA. Então, ela evoca isso em mim, muito forte, uma consciência política<sup>11</sup>*

Em um grande movimento de convergência, em 20 de maio de 1984, diversas pessoas, de diferentes entidades, reuniram-se na cidade de Bagé durante o 2º Encontro de Escolinhas de Arte do RS, ocasião em que a AGA foi oficialmente criada. Marly Meira conta que “Esses professores de 83, da Pós-graduação, eu levei tudo em 84 pra Bagé. Eu juntei o pessoal da Prodiarte<sup>12</sup>, da Secretaria de Educação, trouxe a Fayga Ostrower pra Bagé, parou na minha casa.” Lá

11 Entrevista em 31.05.2013, Porto Alegre, RS.

12 Programa de Desenvolvimento Integrado de Arte-Educação, criado pelo MEC em 1977, visando a estabelecer uma integração entre a cultura da comunidade e a cultura escolar (Fonte: Anais do XV CONFAEB, 2009)

foi gerado o primeiro documento oficial, o boletim nº 01 – Ano I, da AGA, impresso em setembro de 1985 pela gráfica da Universidade da Região da Campanha, URCAMP, em Bagé, RS, onde trabalhava Marly Meira. Em trecho desse primeiro boletim da AGA, lê-se que “a finalidade da referida Associação é a de congregar pessoas e instituições que atuem na área de Arte-Educação, protegendo e incentivando os seus interesses”.

Vislumbramos a noção de *tribo*<sup>13</sup> a partir do teor desse texto sobre a finalidade da AGA, onde *congregar*, *proteger* e *incentivar* são os verbos principais. Maffesoli ressalta esse sentimento de pertença e de comprometimento ético ao explicar seu paradigma ético-estético do seguinte modo: “aquilo que caracteriza a estética não é de modo algum uma experiência individualista ou interior, antes pelo contrário, é outra coisa que na sua essência é abertura para os outros” (MAFFESOLI, 2000, p.21). Nas tribos contemporâneas, o modo de sentir determina o modo de agir, é esta ética-estética que me parece hoje a essência de uma associação como a AGA.

Isabel Petry (2013) revela esse desejo gratuito de estar junto: “A AGA não tem sede, não tem recurso, não tem dinheiro nenhum, as pessoas se movimentam com recursos próprios, se encontram porque querem estar juntas e porque acreditam em alguma coisa. É isso que sustenta”. Capital e interior teriam seus núcleos regionais e a “estadual” seria o polo aglutinador de todos os núcleos. Formação *sui-generis* se comparada a todas as outras associações de arte-educadores do país, e que mais tarde serviria de exemplo para a própria configuração da FAEB. Visto que cada núcleo do interior do estado teria seu respectivo contexto respeitado, a capital, Porto Alegre, deveria criar também o seu próprio núcleo, todos ligados a um núcleo central com sede inicialmente no endereço cedido pelo CDE de Porto Alegre. Então, a cada dois anos, conforme o resultado de eleição, a

13 Segundo Michel Maffesoli (2000, p.194) “as tribos são microgrupos que pontuam a espacialidade a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação”.

associação mudaria de sede. Em sete diferentes gestões, a AGA-Estadual esteve sediada em quatro municípios gaúchos: Bagé, Porto Alegre, Rio Grande e Pelotas. Além disso, os núcleos regionais seguiam suas atividades nas mais diversas cidades. Além das divisões entre estadual e núcleos, a organização inicial da AGA sugeria que cada núcleo municipal fosse dividido internamente em comissões, segundo a estrutura das *comissões de pesquisa* que a AGA se propunha a desenvolver. Essas comissões atenderiam por CPAC (Comissão de Pesquisa e Ação Cultural), CENF (Comissão de Educação Não-Formal) e CEF (Comissão de Educação Formal).

Advinda de diferentes grupos de estudo, a AGA nasceu com uma forte tendência à pesquisa e sua contribuição na obtenção de informações sobre diversas experiências de arte-educação no campo da educação formal e da *educação não formal*, tanto tomadas globalmente quanto em seus aspectos específicos, (...) oportunizando a resolução de problemas coletivos por meio de aprendizagem conjunta (Boletim da AGA nº 01, 1985). Os remanescentes do MEAB (Movimento das Escolinhas de Arte do Brasil) eram ligados à comissão de educação não formal. Nos próximos capítulos desta história veremos que, cada vez mais, a relação entre professores de escolinha e professores de escola foi se distanciando para polos diferentes e a ação política foi se sobrepondo às atividades de pesquisa proposta pelas três comissões iniciais.

## 2º PORTO: ALEXANDRE SCHNEIDERS DA SILVA



Figura 05 – Foto de Alexandre Schneiders na década de 1980 – Acervo da família.

*Durante a pesquisa, a ausência mais sentida foi a de Alexandre Schneiders da Silva. Entre todos os ex-presidentes da “estadual” da AGA, Alexandre é o único já falecido. Seu nome está presente em muitos documentos da época como incansável militante do movimento de arte-educação, tanto na AGA quanto na criação da FAEB. Alexandre aparece neste trabalho representado por sua vice, Susana Rangel Vieira da Cunha.*

## SUSANA RANGEL VIEIRA DA CUNHA<sup>14</sup> : AGA-Porto Alegre e Vice-presidente da AGA-Estadual de 1986 a 1988



Fig.06. Susana Vieira da Cunha. Foto: acervo da pesquisa, 2013

*Ah, eu acho que o sentimento que me evoca é de mobilização e de pensar a arte como função social. Foi isso o que eu vivi na AGA. Não foi criatividade, não foi desenvolver a sensibilidade das crianças, não era isso. Para nós, era um movimento político e social, de pensar o ensino de arte para todo mundo.*

Susana relata que foi trabalhar no Instituto de Educação, em Porto Alegre, sendo convidada para as reuniões que aconteciam no CDE, na Escolinha de Arte do Estado. Lá conheceu Alexandre Schneiders da Silva, um livre-pensador, um sonhador que ousou trocar a Me-

<sup>14</sup> Entrevista realizada na Universidade Federal do RS, UFRGS, Porto Alegre/RS, em 04 de abril de 2013.

dicina pela arte-educação. “Ou seja, não estava na disputa de poder que se delineava entre as duas vertentes advindas das escolinhas (educação informal) ou das escolas formais”.

Em tempos onde a maioria das publicações era considerada *subversiva*, um boletim de grande importância na história do movimento de arte-educação brasileiro foi o Boletim “Fazendo Artes”, impresso pela FUNARTE (Fundação Nacional de Artes), no Rio de Janeiro, RJ, órgão vinculado ao Ministério de Cultura, em Brasília, DF, e que mantinha um departamento de Arte-Educação, coordenado pela gaúcha Maria Bonumá.

No *Manifesto de Diamantina*, de 1985, redigido durante o Encontro Nacional de Arte-Educação, realizado durante o 17º Festival de Inverno da UFMG, na cidade de Diamantina/MG, surgiu a ideia de um setor ligado à arte-educação no recém-criado Ministério de Cultura, bem como um Conselho Nacional de Arte-Educação, com representantes de várias regiões do país. Esse objetivava orientar, dar pareceres, avaliar e estudar a reformulação dos currículos de arte e as mudanças na legislação nacional, “visando a sua correspondência à diversidade brasileira e aos princípios de aprendizagem em arte”. Ao “Manifesto de Diamantina”, de 1985, seguiu-se a “Carta de São João Del-Rei”, elaborada no ano seguinte, na cidade de São João Del-Rei, MG, onde cinco nomes foram indicados para compor a Comissão Nacional de Arte-Educação. Entre esses, Alexandre Schneiders da Silva, Fayga Ostrower, Ana Mae Barbosa, Marco Camarotti, e Laís Aderne. A Comissão Nacional de Arte-Educação tinha a incumbência de estudar questões relacionadas à formulação de uma política educacional para o ensino das artes, seu papel na transformação da Educação, a reformulação dos currículos de formação dos professores, apoio aos projetos de pesquisas, publicações, experiências no âmbito formal e informal, a produção de conhecimento na área e a relação entre a educação formal e a produção cultural.

As convergências entre as atividades das associações esta-

duais ou regionais junto ao Conselho Nacional de Arte-Educação, à SOBREARTE e às ações do Departamento de Educação da FUNARTE, desembocaram na necessidade de unificar em um único órgão toda a representatividade do movimento de arte-educação brasileiro (MAEB). A AGA, durante a gestão de Alexandre e Susana, participou ativamente da criação da Federação de Arte Educadores do Brasil, a FAEB.

Esse debate foi causando uma gradativa mudança de foco no movimento no Rio Grande do Sul, principalmente através da troca de endereço das reuniões da “Estadual”, que deixaram de acontecer no CDE e passaram a se realizar no Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, o CEPERS.

Nesse período, o Brasil vivia um festival de movimentos sociais, como a campanha *Diretas Já* e a elaboração de uma nova Constituição pós-ditadura militar no Brasil. Com a criação da FAEB (1987), os arte-educadores do país inteiro estavam atentos para garantir o espaço da arte e da cultura na nova legislação. A esse respeito, continua Susana Rangel, vice-presidente da AGA-Estadual durante a gestão do já falecido Alexandre Schneiders:

Foi na época da abertura política, então tinha muito essa coisa da, de tentar mobilizar os políticos, de tentar, ãh, foi,



Fig.07: Boletim confeccionado à mão por Alexandre Schneiders / 1988. Acervo da pesquisa

era na época da constituinte também e os telegramas. Naquela época eram telegramas, era carta com selo e, enfim, era um outro jeito que a gente tinha de se organizar e de trabalhar. Porque era tudo muito mais difícil, né, a comunicação da gente e tudo. E o Alexandre sempre, assim, a discussão dele, eu acho que ele introduziu muito, foi essas questões políticas, esse papel da arte, né, como, pra modificar as pessoas, assim né, então, ele não era de uma linha, não era atrelado a uma linha, nem a um grupo específico, mas esse modo político, assim, né, não político-partidário, mas que a gente tinha que pensar um pouco mais além do ensino de arte para ele ter uma finalidade social maior. (CUNHA, 04 de abril de 2013)

### 3º PORTO: CLEUSA PERALTA<sup>15</sup> (AGA-Rio Grande e Presidente da AGA Estadual de 1986 a 1988)



Figura 08 – Cleusa Peralta. Acervo da pesquisa

*O que me lembro da AGA é de brigar para não tirar a arte da escola, fazer bonito nos congressos da Federação, de levar trabalho, produção de conteúdos reivindicatórios, levar estratégias.*

Cleusa Peralta inicia sua militância na AGA a partir do 1º FLAAC, praticamente ao mesmo tempo em que começa sua carreira como professora universitária na FURG (Fundação Universidade de Rio Grande).

15 Entrevista via Ayrton Corrêa, 2009. Relato em parecer elaborado em 2013.

Fui efetivada na FURG em 1986, em 1987 já foi o FLAAC, onde se propôs a formação da FAEB. Fomos para o evento com um alegre bando de professores de Rio Grande. A partir daí iniciou o nosso contato com a Ivone, a Mirian, a Marly. (...) Em 1989, em plena efervescência, acontece o II FLAAC e eu entro na presidência da AGA em 1988. Tentamos estruturar o núcleo Rio Grande, pois havia de ser feito em todo o Brasil para fortalecer as Associações em torno da recém-criada Federação. (CORRÊA, 2009)

Um ano após a criação da FAEB, em 1988, a professora da FURG, Cleusa Peralta, assume a presidência da AGA, levando a “Estadual” de volta para o interior do Rio Grande do Sul. Nesse ano, a nova Constituição brasileira seria promulgada e iniciaria uma nova fase de mobilizações dos arte-educadores, dessa vez mais direcionada à elaboração da LDB.

A Arte na escola passava a ocupar um maior espaço na pauta de discussões da época, o que aprofundou ainda mais a oposição com os representantes da *escolinha*, conforme as palavras de Cleusa Peralta (2013):

Minha eleição como presidente da AGA estadual teve votos ‘contados’ contra a candidatura de uma professora da Escolinha. A chapa que vencesse a eleição iria definir os rumos do movimento, a favor ou contra a arte na escola. Apesar de haver vencido aquela eleição, durante todo o mandato enfrentei uma forte oposição do movimento das escolinhas, especialmente forte em Santa Catarina, inicialmente apoiada pela SOBREARTE, o que indicava, inclusive, a presença de tendências opostas em nível nacional. (PERALTA, 2013)

4º PORTO: MARIA BENITES<sup>16</sup> (Presidente da AGA Estadual de 1991 a 1993)

Fig.09.Maria Benitez.Acervo da pesquisa,2013.

*Para mim a arte-educação, que eu não gosto de chamar assim, porque acho que a arte não tem que servir para nada a não ser para ser Arte com maiúscula, foi a possibilidade, na época, de chegar a todos os cantos da sociedade, porque a educação com a sua capilaridade permite alcançar a todos, sobretudo quando ainda se está descobrindo o mundo, quer dizer na escola.*

Secretária pessoal de Ewellyn lochpe, essa foi a primeira presidente da AGA que não era gaúcha, sequer brasileira, tampouco arte-educadora. Maria Benites era uma *promotora cultural* que chegou ao RS junto com o programa Arte na Escola, do Instituto lochpe. Segundo Marly Meira, ela *caiu de paraquedas* na presidência da AGA. Nos depoimentos a seguir, de Marly Meira e da arte-educadora Alice Bemvenuti, podemos perceber que Maria Benites fez história no cenário artístico-cultural do RS.

A gente tinha uma certa resistência pra entrar no esquema, na proposta de ação pedagógica da Ewellyn. A gente reconhecia o mérito desse projeto, de que ele trazia subsídios audiovisuais para o professor de arte, mas a gente, e da pesquisa que estava sendo feita pela Denise e pela Analice na Faculdade de Educação lá na UFRGS, mas a gente tinha um certo escrúpulo, porque ele chocava um pouco com a mentalidade que a gente trazia do movimento de arte-educação. Não sei se a Ivone te falou sobre isso... mas a Maria Benites ficou muito nossa amiga depois. Depois ela se separou da Ewellyn. A Ewellyn tomou outros rumos e aí ela se aproximou muito da gente e ninguém queria assumir a presidência da AGA. Aí ela resolveu assumir e... foi interessante, foi interessante. Ela caiu de paraquedas. (MEIRA, Entrevista.31/05/2013)

16 Entrevista concedida via internet, em três sessões, nos dias 11, 13 e 21/01/2014.

Eu participei da 1ª Bienal do Mercosul, né, constituindo o projeto educativo com a Maria Benites. E aí, nem sei quais foram todos os conflitos que deram, mas a Maria Benites saiu e eu saí junto com ela porque... e ali nós tava pela AGA. Ah, ponto. Falei de uma coisa que eu não podia ter esquecido: quem é que me passou a AGA? Foi a Maria Benites. Gente, e ela foi uma pessoa importantíssima! E a Maria, ãh, tava começando então a Bienal Brasil Século XX, e ali eu fui ser mediadora da Bienal Brasil Século XX e eu já comecei a propor um material muito legal e eu comecei a ficar muito próxima da Maria e a Maria me abre portas, me apresenta coisas. Ela me abriu a porta de ter contato com o Iberê Camargo, com o pessoal que era da Fundação da Bienal de São Paulo, enfim, ela abriu muitas possibilidades e portas, só que daí quando ela sai, a gente sai junto. (BEMVENUTI. Entrevista. 01/04/2013)

Durante esse período (segunda metade da década de 90) foi criado um Conselho da AGA que indicou o nome da professora de Rio Grande, Nara Marone, para a presidência da AGA Estadual. No entanto, a relação Conselho/ Estadual/Núcleos se mostrou ineficiente, causando um descompasso entre a estadual e os três núcleos regionais atuantes na época (São Leopoldo, Pelotas e Santa Maria) que passaram a realizar suas atividades em conjunto.

Entre uma enxurrada de atividades, os núcleos criaram um evento que se repetiu por duas vezes, o Circuito Estadual de Arte-Educação, com atividades simultâneas entre os três municípios. Dentre os membros das diretorias dos núcleos regionais da AGA, foi eleita no CONFAEB de Campinas, 1996, mais uma presidente gaúcha da FAEB, Alice Bemvenuti, da AGA/São Leopoldo. Os demais núcleos também compuseram a diretoria a nível nacional. Nesse ano, mais de uma década depois da criação da AGA, finalmente a aprovação da LDBEN 9394/96 garantia o espaço da Arte nos currículos escolares brasileiros, arrefecendo a necessidade de vigília e luta dos arte-educadores.



Fig.10. Acervo. Monumentos cobertos de preto, ação de protesto promovida pela AGA e FAEB durante a Bienal Internacional de São Paulo, em 1996. À direita na foto, a recém-empossada presidente da FAEB, Alice Bemvenuti.

**5º PORTO: ALICE BEMVENUTI<sup>17</sup> (AGA- São Leopoldo e Presidente da FAEB.  
Período de atuação na AGA: de 1994 a 1998)**



Fig.11 – Alice Bemvenuti. Acervo da pesquisa

*A AGA, ela dá oportunidade, ela é um espaço onde a gente gera a oportunidade, faz a oportunidade acontecer e tem oportunidade. Isso foi muito legal.*

17 Entrevista concedida em sua residência, em São Leopoldo, RS em 01/04/2013.

Com a transferência de Maria Benites para a Alemanha, a AGA ficou “à deriva” até Alice Bemvenuti resolver “fazê-la acontecer” novamente. A última presidente da AGA, que vivia no Brasil, era Cleusa Peralta e foi a ela que Alice recorreu quando “percebeu a AGA como um caminho” e decidiu empreender esforços para reerguer a Associação. A própria Cleusa fala sobre isso em entrevista a Ayrton Correa:

Foi num congresso em Montenegro que a Alice Bemvenuti, quem eu não conhecia, me localizou para eu tentar salvar a AGA. Eu fui para Montenegro e ela queria saber quem eu era e como poderíamos fazer para revitalizar a AGA. Porque as pessoas se perdiam, quantas vezes a AGA se perdeu? Até há pouco tempo estavam reativando a AGA. (CORRÊA, 2009)

Naquela década de 1990, os seminários de Montenegro eram encontros anuais concorridíssimos, não somente pelos grandes nomes da arte-educação que traziam ao Rio Grande do Sul, mas também por proporcionar a aproximação entre pessoas que compartilhavam os mesmos interesses. Em busca desse movimento de aproximação “por afinidade”, Alice encontrou a AGA. Assim ela nos conta no relato a seguir:

Eu logo já identifiquei a AGA como um percurso, mas eu fui buscar acordar a AGA. Eu logo identifiquei, mas a AGA não estava em acontecimento naquele momento. Ela já era história. Aí eu fui atrás das coisas da história e fui fazer ela acontecer. Então, fui juntar pessoas que eu tinha afinidade para fazer o movimento. (BEMVENUTI, Entrevista 01/04/2013)

## 6º PORTO: ALBERTO COELHO<sup>18</sup>: (AGA-Pelotas e Presidente da AGA-Estadu- al de 1997 a 1999



Fig.12 – Alberto Coelho. Acervo da pesquisa.

*Eu estou falando do passado, mas ele se presentifica. É fundamental na formação do professor, esse momento em que o professor se vê defendendo um ideal, defendendo uma área de conhecimento, defendendo a sua profissão, o seu direito a dar aulas. Sabe? É político. Esse ato político da AGA. Evidenciar isso é muito importante. Na verdade, eu estou fazendo isso com o meu relato. A confissão é minha, porque eu me fortaleci muito nesse momento.*

O professor Alberto Coelho inicia sua fala tratando da importância de ter participado da AGA e o quanto isso refletiu positivamente na sua vida profissional. Lamentou não ter sido criada, nos cursos de formação dos novos professores de arte, uma cultura de valorização da história da arte-educação. Essa lacuna estaria formando uma geração que não sabe o que foi a AGA e ignora a importância de todo esse movimento na constituição de um arte-educador.

Eu me fortalecia como professor, seja dando aula em Rio Grande, de 5ª a 8ª série, seja aqui em Pelotas, dando aula, ou na sala dos professores. Sabe? A defesa... O professor lá da série tal dizia: “Ah, faz um trabalhinho, faz uma musiquinha”. Aquilo já me irritava porque eu tinha outra coisa para dizer a ela, não é? “Está bem, vamos trabalhar juntos. Mas não vamos fazer trabalhinho”, me soava pejorativo. “Vamos fazer um trabalho, vamos fazer um projeto. Tu tens os teus conteúdos, eu tenho as coisas que eu quero trabalhar, vamos integrar”. E isso era de uma militância... Não era uma atuação acanhada, quietinha, no meu canto. Eu queria sim compartilhar as coisas, ajudar na educação daquelas crianças e poderia ser junto com os outros pro-

18 Entrevista ocorrida em sua residência, no município de Pelotas/RS, dia 15 de abril de 2013.

fessores, mas eu precisava que eles me ouvissem como professor de Arte. E a AGA me ajudava muito a me sentir assim, cheio de grau. Saber que eu tinha um lastro, eu tinha uma trajetória. E eu via também os outros professores: Encontros de Geografia, professores de Português... E eu dizia: “Ah, eu também tenho, olha, eu tenho uma Associação”. Enfim, me fortalecia, sem dúvida. O meu discurso, as minhas teimosias, os meus enfrentamentos com a direção, com a pedagogia, com a pedagoga... (COELHO, Entrevista.15/04/2013)

Alberto participou da “Gestão Andorinha” do núcleo de Pelotas, entre 1995 e 1997 e assumiu a direção da AGA Estadual em 1997, no mesmo período em que fazia parte da diretoria da FAEB, como 1º secretário da gestão de Alice Bemvenuti (1996-1998).

Com a aprovação da LDB, os arte-educadores viram sua principal reivindicação atendida e com isso a desmobilização foi se tornando cada vez mais visível, como salienta o professor Alberto:

Quantas vezes eu me vi implorando para as pessoas virem na Associação, entregando fichinha, envelope, selo, pra elas fazerem uma inscrição, pagarem uma anuidade e tal, que eu acho que hoje não dá mais, né? Não sei, na época já era difícil, então, passaram aí mais dez anos... então a coisa ficou mais difícil ainda. Mas eu vibro muito quando falo da AGA, eu gosto muito de tratar disso. E não é por nada que ela tá no peito aqui (mostra o *botton* da AGA). (COELHO, entrevista,15/04/ 2013)

Tal como salienta Alberto Coelho, a dimensão afetiva é fundamental para compreender os novos tempos em que vivemos, nos quais a AGA está imersa. A lógica neoliberal, que privilegia a quantidade ao invés da qualidade, e a escalada da internet, também promoveram mudanças nessa Associação que aos poucos vai se transfigurando do real para o virtual. Sobre esse novo momento, continua o professor:

Hoje as pessoas têm interesse de fazer comunicação para aparecer no Lattes, CNPq, enfim, “tirantias do CAPES”, é isso. Na AGA tu não vai falar de pesquisa, vai falar como é que tá a tua vida, tuas dificuldades em sala de aula, essa discussão miúda. Não preocupada em traduzir isso em re-

sultados investigativos. Hoje a AGA vai virar o que? Uma associação de investigação? Voltada pro CNPq pra ganhar bolsa? Essa é a lógica neoliberal (...) esses eventos que às vezes tu vê, as pessoas vão lá fazer a sua comunicação e não tem ninguém. Parece que o que prevalece é o quantitativo e a AGA nunca foi quantidade. A AGA foi amor. Às vezes falta alguma coisa dessa *vibe* que a AGA trazia pra nós.(COELHO, entrevista em 15/04/ 2013)

### 7º PORTO - LUCIANA LOPONTE<sup>19</sup> (AGA-Pelotas, AGA-Estadual e Vice-Presidente da FAEB. Atua na AGA desde 1995



Fig. 13 – Luciana Loponte. Acervo da pesquisa

*“Para mim, a AGA tem a ver com movimento, com arte-educação e com a defesa da arte na educação. Tem a ver com militância, então, tem afeto. Conhecer pessoas que têm as mesmas paixões que eu. O sentimento que me evoca é esse sentimento de pertencimento a uma comunidade maior.*

*Que os meus problemas ligados à arte e à educação são compartilhados por outras pessoas. Os problemas e as soluções.*

*Para mim, o sentimento que a AGA e a FAEB me evocam é esse sentimento de pertencimento que os nossos alunos aqui não têm.*

Luciana inicia seu relato falando na força dos afetos e na importância do sentimento de pertencimento que a AGA evoca. Compara a formação de seus alunos à sua própria formação e lamenta a falta de envolvimento deles com um movimento instigante como o de arte-educação.

<sup>19</sup> Entrevista realizada em sua sala de trabalho na Universidade (UFRGS), em Porto Alegre/RS, dia 02 de abril de 2013.

O que foi que eu aprendi com a AGA e com a FAEB que eu tento passar para os meus alunos? Essa geração nova que chega ao primeiro dia de estágio dizendo: “Eu vim fazer esse estágio porque eu quero me livrar dessa licenciatura, eu quero terminar esse curso de uma vez”. Essa geração que chega ao primeiro dia de aula do estágio porque quer se livrar. A maioria não quer ser professor de arte. Eu falo na AGA, falo na FAEB, falo que existe todo um universo de pessoas preocupadas com a arte na educação, que falar sobre arte na educação é sério, tem uma responsabilidade, tem um conhecimento, tem uma pesquisa... Eu começo a apresentar isso. Uma coisa que eu fico falando para os meus alunos, quando eles se queixam do curso: “O quê é que faz um curso? É a trajetória que tu vais construindo”. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

A trajetória a que Luciana se refere nestes dois depoimentos (acima e abaixo) muito se assemelha aos “mergulhos” que propus nas páginas anteriores, as histórias de vida que fomos agregando durante o curso de nossa formação. Luciana, Alberto, Goy, Márcia Dias, Luiz Roberto e vários nomes que não foram citados aqui, mas que participaram de vários eventos narrados neste trabalho, frequentaram o mesmo curso de formação que eu, na UFPel, mais ou menos na mesma época. A professora Myriam Anselmo deu aula para todos nós e foi a responsável por divulgar a ideia da AGA entre aquela “nova geração”.

Foi com um grupo que “instigava um ao outro” que, mais tarde, Luciana iniciaria sua atuação na AGA, durante a gestão Andorinha, do núcleo Pelotas. O próprio lema da gestão já trazia implícita a ideia de união e de coletividade – *uma andorinha só não faz verão*. Em um trecho de sua entrevista, percebemos que uma das causas do arrefecimento da AGA surgiu quando os integrantes do grupo foram, cada um, desenvolver seus projetos individuais:

Qual foi o momento em que começou a dispersar? Quando a gente começou a desenvolver os nossos projetos individuais de mestrado. Em 1995 eu fui fazer a seleção de mestrado na UNICAMP e então eu saí de Pelotas. Ficou o Alberto. Era sempre mais eu e o Alberto. E aí chegou o mo-

mento em que eu saí. A Cecília ficou com o Alberto, mas ali dispersou. A gente conseguiu ainda a Márcia Dias (...) e ela ficou com a presidência. Eu me lembro que quando eu voltei, eu terminei o mestrado e eu fui apresentar a minha dissertação numa reunião da AGA. Eu tenho a foto de eu apresentando... (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

A AGA da Gestão Andorinha dividia suas atividades entre práticas políticas e pedagógicas. Juntamente com os núcleos de São Leopoldo e Santa Maria, trazia palestras, promovia eventos e atuava no cenário local, estadual e nacional. Até que, em 1996, a LDB foi aprovada e o grupo da AGA, quase que automaticamente, assumiu a diretoria da FAEB. Conforme falamos anteriormente, o CONFAEB de 1996 realizou-se em Campinas/SP, cidade onde Luciana estava fazendo o curso de mestrado, ao lado de Ivone Richter.

Naquele momento histórico de promulgação da LDB, a parceria de Luciana e Ivone em Campinas/SP se revelou estratégica para que a AGA se aproximasse da FAEB e da AESP, a ponto de reunir paulistas e gaúchos na diretoria que seria eleita para a gestão 1997-1999, que teve Alice Bemvenuti como presidente.

Enquanto isso, nas eleições de 1998, Olívio Dutra, do PT, passa a governar o estado do Rio Grande do Sul. Durante o mandato de Olívio (de 1999 a 2002), no ano de 2001, a capital dos gaúchos, Porto Alegre, sediaria o 1º Fórum Social Mundial<sup>20</sup>. Entre tantas transformações daquele início de século e de milênio, os movimentos sociais também se transformariam. Luciana fala sobre a última atividade da AGA que recorda:

20 O Fórum Social Mundial (FSM) é um evento altermundialista organizado por movimentos sociais de muitos continentes, com o objetivo de elaborar alternativas para uma transformação social global. Seu slogan é Um outro mundo é possível. Nas sucessivas edições o número de participantes esteve entre 10.000 a 15.000 em 2001 e cerca de 120.000 em 2009. Fonte: [www.pt.wikipedia.org/wiki/Fórum\\_Social\\_Mundial](http://www.pt.wikipedia.org/wiki/Fórum_Social_Mundial)

A última ação grande: Assumi o primeiro governo do PT estadual (que era o Olívio) e nós fomos à Coordenadoria de Educação de Pelotas com uma lista. A gente pegou a Carta do CONFAEB de Goiânia com várias reivindicações nacionais, elaboramos um documento e levamos para a Coordenadoria de Educação, exigindo e tal. Mandamos o mesmo para coordenadores de cursos de Pedagogia, coordenadores de Artes Visuais, várias correspondências... Então, a gente tinha essa atuação política. (LOPONTE, Entrevista, 02/04/2013)

Desde aquela última atividade, no início do governo Olívio Dutra, passando pelo encontro ao qual Alberto Coelho se referiu em setembro de 2001, os documentos e depoimentos nos mostram que, após esse período, a AGA esteve mais um tempo submersa. O início dos anos 2000 também mostrou uma desarticulação do movimento de arte-educação a nível nacional. Segundo AQUINO (2012), desde a criação da FAEB em 1987, os CONFAEB<sup>21</sup>s deixaram de acontecer apenas três vezes, justamente nos anos 2000, 2002 e 2005. Neste ano, em uma curva do rio da história, a AGA ressurgiu, com uma diretoria provisória e um ambiente virtual na rede de computadores. Durante esse período de transição, Luciana conta que a criação da *lista de discussões* se deu sob inspiração da recém-criada *Lista da FAEB* e graças ao incentivo de sua ex-colega e amiga, Ivone Richter, matriarca da arte-educação gaúcha:

Foi criada a lista da FAEB. Começou logo a ter muita gente e passou a ser um fórum não oficial da FAEB. Daí se começou a ver a importância das listas... E a Ivone dizia: “Luciana, tu tens que criar uma lista, tu viste como a lista da FAEB”? A Ivone ficava instigando: “Tu crias uma lista”. Então, em 2005, eu criei a lista para nós podermos divulgar as coisas. (...) Depois, era quase uma promessa para a Ivone: “Não, Ivone, depois que eu terminar”[o doutorado]... (Eu acho que foi em junho.) Não é por acaso, junho... Eu defendi a minha tese no dia 03 de maio de 2005. Foi quando eu pude me dedicar e voltar a pensar nessas coisas, porque antes eu estava completamente tomada com o trabalho. Eu estava trabalhando na UNISC e terminando

21 Congressos da Federação dos Arte-Educadores do Brasil que ocorrem anualmente há cerca de 25 anos (durante a elaboração desta pesquisa, participei do 22º e do 23º CONFAEB, realizados, respectivamente, em São Paulo/SP, 2012 e Porto de Galinhas/PE, 2013).

a tese. Então, não é à toa que foi depois. Um mês depois de terminar a tese... (LOPONTE , Entrevista, 02/04/2013)

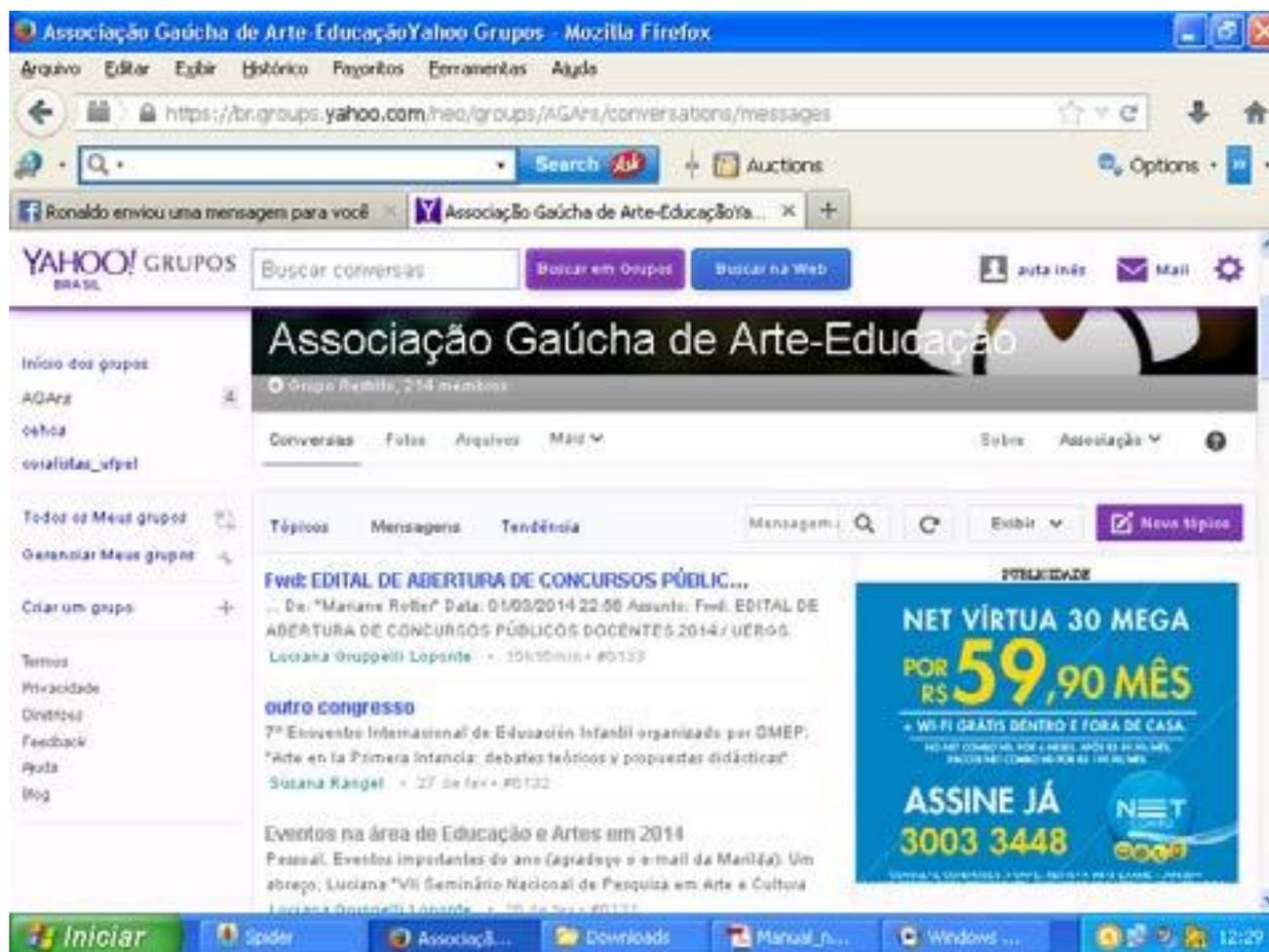


Fig.14 – Página da Lista de Discussões da AGA-Yahoo. Acesso em 03/03/2014.

Criada em 18 de junho de 2005, com o objetivo de “recuperar este movimento e esta história”, a lista da AGA-Virtual totalizava no dia do acesso, 214 membros e um acervo de 6.133 mensagens. Pode parecer pouco, mas é o que tem mantido a AGA “viva” até hoje. Acompanhando os novos tempos, nesse ambiente virtual, a AGA ainda existe e continua sendo um espaço de conexão entre os arte-educadores gaúchos.

A sombra da “morte de tudo o que foi construído” parece ter sido o grande motivo da criação dessa lista. Os encontros virtuais, que aos poucos passaram a substituir as reuniões presenciais, foram se

tornando cada vez mais raras e o sentido dessa Associação começa a se transformar e mesmo a ser questionado.

As tentativas de reunião fracassavam, as pautas não eram mais tão urgentes, as pessoas eram sempre as mesmas e os núcleos regionais não tinham mais uma ação tão efetiva. A diretoria provisória acabou jamais deixando de ser permanentemente provisória, pois o grande evento pensado para formalizar uma eleição acabou não acontecendo. Talvez por isso Luciana não se considere presidente dessa Associação, ainda que, na última ata do Livro da AGA, seu nome conste liderando a diretoria.

Perguntada sobre quem foi a última presidente da AGA, Luciana responde que ela “é representante de algo em torno da AGA”, pois não considera mais que a AGA seja uma Associação, ou, como consta no site da FAEB, esta Associação está desativada.

(P. Tu és a atual presidente da AGA?) Não. Eu não sou nada. (Quem foi o último presidente da AGA?) Seria eu. Eu era presidente de uma diretoria provisória. Só que a gente começou a marcar reunião e começou a ficar difícil. Ninguém mais se dispunha a ir. Então foi uma diretoria que acabou assim. Era provisória, até a gente conseguir fazer um evento e poder eleger. Então, eu não me sinto presidente. Não me sinto mesmo, porque o quê que é? (...) Na verdade, as pessoas falam: “a presidente”... Não me sinto. Eu sou representante de algo em torno da AGA, mas eu não me sinto presidente de algo que não tem. Não é uma Associação. Eu tenho uns documentos... Eu herdei, vamos dizer assim: “Bom, vamos revitalizar a AGA”. Só que não se faz isso sozinho. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

Luciana herdou, além de papéis, a responsabilidade de manter a mediação da lista de discussão virtual, tarefa que atualmente divide com a professora de arte caxiense Maria Helena Rossi, da UCS (Universidade de Caxias do Sul). A herança material da AGA, composta por um Livro Ata e alguns documentos não mais parece suficiente para manter a AGA ativa. Afinal, o que não está ativo na AGA? Esta foi uma das questões feitas aos oito entrevistados desta pesquisa. Entre as tantas respostas, destacamos a de Alberto Coelho:

Nesse momento, lá está desativado. Eu acredito que está ativado. Mas, o que está desativado lá não é o mesmo botão que eu ativo aqui, entendeu? São botões diferentes. O que está em “off” lá está “on” aqui, mas não são da mesma ordem. A FAEB nos quer tentando reunião semanal, pagando “não-sei-o-quê” periodicamente, discutindo estatuto... Isso não tem... E acho que não vai ter mais. (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

As relações interpessoais que se estabelecem hoje, atravessadas pelas novas tecnologias, acontecem de maneira diferente do que aconteciam há 30 anos. Porém, essa diferença não impede que tais relações continuem influenciando o movimento dos arte-educadores gaúchos. Novamente recorro a Maffesoli (1995) para compreender essa situação ambígua de atividade/inatividade:

As mitologias ativistas vêm sendo substituídas pelo “não fazer”, pelo “estar-junto-à-toa” (...) Essa criação, que foge da lógica ativista própria da modernidade, é em muitos aspectos escondida, secreta, misteriosa. Ela não se deixa apreender pelos instrumentos de análise correntemente utilizados pelos sociólogos, mas não deixa de ser forte e sólida. Mesmo não sendo ativa, ela “faz sociedade”. É esse paradoxo que é preciso abordar de frente. Para isso é preciso lembrar que pode haver nele uma ética-estética (MAFFESOLI, 1995, p.48).

Não há mais apenas um direcionamento possível na ação institucional da AGA, que parece pulverizada. Entre aquelas mensagens eletrônicas, cada um responde a que mais lhe interessa, às vezes comentam, às vezes compartilham com outras redes, outras ignoram. Característica típica das tribos contemporâneas, o desengajamento da ordem do *político institucionalizado*, sinaliza a entrada nas dinâmicas da socialidade e na ordem da *potência instituinte* (MAFFESOLI, 2000). Essa transição tem cada vez mais abalado as relações entre a AGA e a FAEB.

Criada para agregar as associações regionais de arte-educadores, a FAEB já não pode mais contar formalmente com todas elas. Ultimamente, inclusive, tem adotado uma política de associação direta

com a nacional, o que aumenta a pertinência da discussão sobre qual o atual sentido das representações estaduais.

Segundo Maffesoli (2000, p.05), na socialidade que se apresenta, “para aquém e para além das formas instituídas que sempre existem e que às vezes são dominantes, existe uma centralidade subterrânea informal que assegura a perdurância da vida em sociedade”. A AGA que temos hoje existe informalmente, tal como as tribos contemporâneas, e com as características atribuídas a essas comunidades emocionais que são: “o aspecto efêmero, a composição cambiante, a inscrição cambiante, a inscrição local, a ausência de uma organização e a estrutura quotidiana” (MAFFESOLI, 2000, p.17).

Novos tempos, gerações que se sucedem e delineiam novos movimentos sociais articulados via rede, tudo isso indica uma configuração renovada. Que AGA teremos agora? Sobre isso, pondera a última “presidente” da AGA:

Que AGA é viável? O movimento que teve aqui ontem foi impressionante, eu estava aqui vendo os estudantes fechando o túnel da Conceição, e foi tudo articulado via rede. Rede social. Então, hoje a rede social tem um papel importante. As pessoas estão se mobilizando e tem cada vez mais um apelo para as pessoas: “Sai da frente do computador e vem para a rua” e as pessoas estão indo. Vai ter outro movimento quinta-feira. Sai da rede e começa a circular na rede, então, essa rede, ela é a ativação de algo, tem uma rede colocada aí. Qual é a nossa? A gente tá aproveitando todo o potencial dessa rede? Talvez não. (P. Não, ela está fermentando.) Mas ela está fermentando, se surge alguma coisa, se alguém resolve, assim: “Nós vamos retirar o ensino da arte das escolas”, aquela rede pode ser que apareça. (Entrevista Luciana Loponte, 02/04/2013)

O potencial dessa rede parece fermentar. Se seguirmos o rumo dessa suposição, a AGA-Virtual parece encontrar-se em estado de latência. O filósofo Michel Serres (2003) nos auxilia nessa reflexão:

As novas máquinas dirigem-se diretamente ao grande número, ao coletivo. Consequentemente esse coletivo se reconstrói e o faz como se começasse a fazê-lo. Vivemos

esse acontecimento como se ele estivesse nascendo. (...) A política se transforma; com efeito, essas técnicas adquirem um poder ativo sobre os fenômenos sociais e dominam os homens de Estado; o direito e os cultos encontram-se por sua vez transformados, porque fabricam as vítimas e os deuses. Que filósofo, mesmo recente, poderia ter acreditado que um dia pudessem existir máquinas apropriadas para fabricar a política, a moral e a religião, que o *homo-faber* modelaria o *homo-politicus*, ou que o transmissor assumiria todos os lugares? (SERRES, 2003, p.239)

E assim, voltamos à questão inicial. É justamente às novas gerações que se dirige este trabalho, visando a trazer à tona a história da AGA, como um relato e uma provocação aos futuros professores de arte, tanto mais arte-educadores quanto mais forem comprometidos com os movimentos sociais.

As questões complexas e durante o percurso desenvolvido na pesquisa revelaram que o movimento de arte-educação e a AGA estão em constante transformação, tal como o rio.

Voltamos a Maturana (2000, p.95) para ilustrar esse movimento. Ele usa a mesma metáfora da água para explicar a coerência histórica e local que temos enquanto seres humanos: “Fazemos parte da ondulação e o que fazemos gera outras ondulações”.

A ondulação desencadeada com a pesquisa aqui relatada foi suficiente para perceber que o grupo de discussões no ambiente virtual é apenas uma pequena parte de um mar de relações que constitui o movimento de arte-educação gaúcho. Hoje, por exemplo, já temos dois grupos virtuais, além do AGA-Yahoo, a AGA-Facebook criada em agosto de 2013, depois do seminário que ocorreu como desdobramento desta pesquisa e sobre o qual trataremos a seguir. Atualmente a página do facebook<sup>22</sup> conta com 152 membros.

---

22 <http://www.facebook.com/groups/629008480452078/>

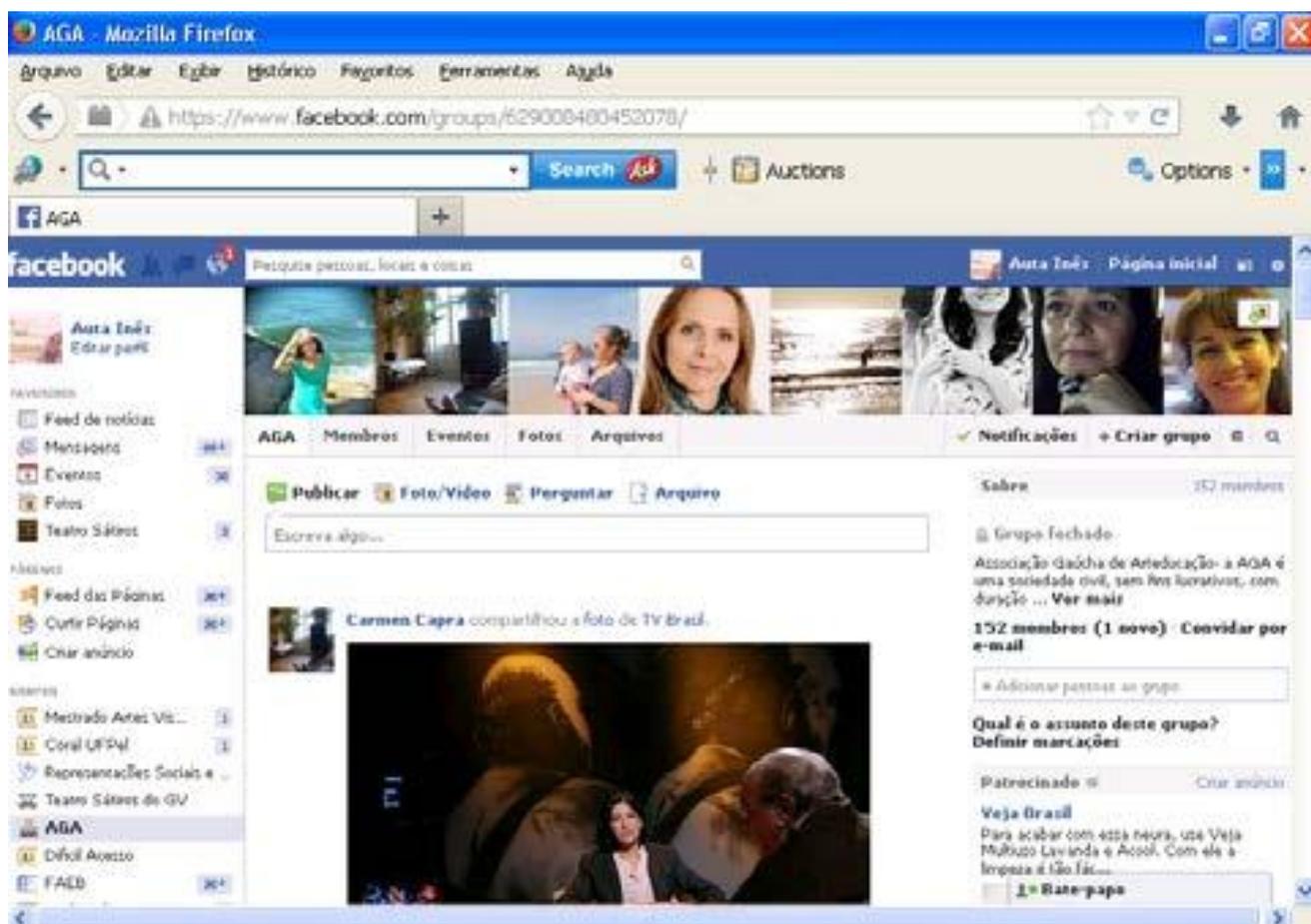


Fig.15 – Página do Grupo da AGA no Facebook. Acesso em 10/02/2014.

Além dos grupos virtuais, voltamos a nos encontrar presencialmente. Este trabalho formou uma espécie de rede de solidariedade, mobilizando tanta gente nas entrevistas e no recolhimento de materiais, que a vibração em torno deste assunto acabou fazendo com que o movimento de arte-educação gaúcho e a AGA se tornassem tema de um seminário ocorrido em Pelotas e Bagé, em agosto de 2013.

Promovido pelo curso de Mestrado em Artes Visuais da UFPel, em parceria com o IFSul – Campus Pelotas/Bagé, Secretaria Municipal de Educação de Pelotas e Fundarte/UERGS (Montenegro), o projeto trazia a seguinte ementa:

O Seminário de Arte-Educação: Memórias e Perspectivas Contemporâneas pretende ser um fórum de formação continuada para discutir o tema do ensino da arte, mais especificamente voltado à relação dos movimentos sociais no campo da arte com as práticas pedagógicas e metodológicas em sala de aula. O evento caracteriza-se pela troca inter e transdisciplinar, na medida em que procura contemplar as linguagens da música, dança, teatro e artes visuais. Nesta edição do evento pretende-se dar um grande espaço para oficinas com várias linguagens da arte, além de enfatizar as memórias do movimento político-social da AGA (Associação Gaúcha de Arte-educadores), para que a história deste movimento faça refletir e talvez impulsionar a participação maior dos professores no âmbito das políticas públicas para a arte. (Fonte: Projeto Seminário de Arte-Educação: Memórias e Perspectivas Contemporâneas, 2013)

O evento se chamou “Seminário de Arte-Educação: Memórias

e Perspectivas Contemporâneas”. Participaram dele centenas de arte-educadores gaúchos, desde a primeira até a última presidente da AGA, passando por ex-presidentes da FAEB e chegando até os estudantes dos primeiros semestres dos cursos de licenciatura em Artes Visuais, Dança, Música e Teatro.

Professores de Arte de vários municípios gaúchos protagonizaram uma nova “revoada de andorinhas” vindas dos mais longínquos aos mais próximos rincões do estado. Foram tantos lugares representados<sup>23</sup>, tão diferentes gerações, e, no entanto, o clima parecia de reencontro.

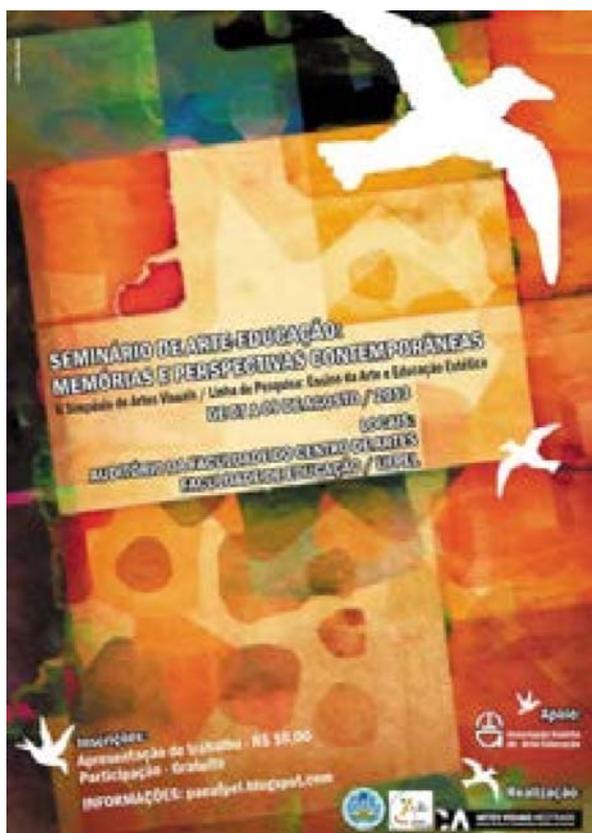


Fig.16 – Cartaz do evento decorrente desta pesquisa. Pelotas, 2013. Acervo pessoal.

23 Tivemos representantes de Serafina Correa, São Lourenço do Sul, Aceguá, Pedro Osório, Cerrito, Santa Cruz do Sul, Montenegro, Porto Alegre, Rio Grande, São Leopoldo, Bagé, Caxias do Sul, Pelotas e outros municípios do Rio Grande do Sul. Contamos, inclusive, com a participação de dois professores da Colômbia



Fig.17 – Reencontro de gerações do movimento AGA-FAEB, Pelotas, 2013. Acervo pessoal.

Na foto, da esquerda para a direita, vê-se a atual diretora do Centro de Artes/UFPel, Ursula Rosa da Silva, Cleusa Peralta, Alberto Coelho, eu, a professora colombiana Wilde Salazar, mais atrás, Donald Kerr Jr. (Goy), à frente, Marly Meira, mais ao fundo, Alice Bemvenuti, Ivone Richter, ao fundo, Mirela Meira e, bem à direita, o maestro Frederico Richter.

Além das mesas que discutiram as memórias e perspectivas do movimento de arte-educação no RS, outras atividades se somaram à programação<sup>24</sup>, tais como apresentações de teatro, dança, oficinas, relatos de experiência. Entretanto, considero que o momento mais emocionante do seminário em Pelotas tenha sido a homenagem ao maestro Frederico Richter, emérito compositor e arte-educador da UFSM. A homenagem foi constituída por interpretações seguidas de diálogos com o compositor, a cargo do Coral UFPel, regido pelo professor Carlos Oliveira, do professor e flautista Raul d'Ávila, e da soprano

24 A programação completa do Seminário de Arte-Educação “Memórias e Perspectivas Contemporâneas” em Pelotas e Bagé encontra-se nos anexos deste trabalho (Anexo 14).

Magali Richter, nora do homenageado e professora de canto no Conservatório de Música da UFPel.

No final do evento, uma inusitada reunião da AGA, coordenada por Alberto Coelho, permitiu que jovens que jamais tinham ouvido falar na Associação Gaúcha de Arte-Educação discutissem com antigos militantes sobre os rumos do movimento. Ali presenciamos a AG(u)A viva.



Fig.18 – Reunião da AGA, Pelotas, 09/08/2013. Arquivo pessoal.

Em um trecho da entrevista que Alberto concedeu para este trabalho, ele confirma a afirmação de Marly Meira, de que “a AGA não morreu”, utilizando quase as mesmas palavras que ela:

Eu acho que a evocação da AGA é dizer que ela existe ainda. Ela persiste ou ela insiste. Ela está entre nós, como... sei lá, se é potência, o quê que é... Eu sei que por aí ela se preserva (...) Não é por nada que eu vejo as pessoas que na época também se envolveram... Hoje, quando tu falas,

elas vibram, querem participar e se engajar. E se tu pedir materiais, fotos, eu tenho certeza que elas vão te mandar. Porque é isso, eu acho que quem tem que cuidar da AGA somos nós, os professores de arte. A gente cuida da AGA. E vamos cuidar até morrer, entende? E essa ideia de uma Associação que nos associa, que nos aproxima, por um elo que não é mais burocrático, regimental, estatutário... É por outra coisa, não é? E que é legal te ver aí pesquisando... Eu acho que tu vais dar algumas respostas. Vai aparecer alguma coisa sobre o que é que mantém a gente nessa vibração, nessa aposta, de saber que vamos sim nos manter juntos, unidos. (Entrevista Alberto Coelho, 15/04/2013)

No Seminário de Arte-Educação de Pelotas e Bagé, estávamos todos juntos, unidos novamente, e a AGA estava entre nós, como potência ou como afeto. Diferentes autores falam sobre essa força subterrânea que nos aproxima e nos mantém nessa aposta. Um deles é Edgar Morin (2005), que se dirige ao afeto como “o cimento da comunidade”. Na mesma linha, Michel Maffesoli (2000) se refere à força dos afetos como “potência” ou “glutinum mundi”. A natureza dos afetos também é tema explorado por Marcos Gleizer (2005), em seu livro intitulado *Espinosa & a Afetividade Humana*. Ele aponta a definição espinosiana de afeto encontrada na *Ética III*: “Por afeto (*affectum*) entendendo as afecções do corpo, pelas quais a potência de agir desse corpo é aumentada ou diminuída, favorecida ou entravada, assim como as ideias dessas afecções” (Espinoza apud GLEIZER, 2005, p.33).

O afeto aumenta ou diminui a potência do corpo individual ou socialmente compreendido. Neste trabalho, podemos perceber que a ideia da AGA ainda afeta os arte-educadores do Rio Grande do Sul. Por fim, as reverberações desse seminário continuam em trabalhos acadêmicos, em comentários nos grupos da AGA e da FAEB e em articulações via e-mail que resultaram na realização de um pós-encontro, em Porto Alegre, na casa de Ivone Richter, onde se discutiu linhas de ação para o movimento no futuro e a postura que tomaríamos no próximo CONFAEB, onde estive como *representante da tribo*. Desse pós-encontro, temos a seguinte foto:



Fig.63 – Pós-encontro, em Porto Alegre, 14/09/2013. Acervo pessoal.

Da esquerda para a direita, eu, Ivone Richter, Luciana Loponte, Marly Meira, Alice Bemvenuti e Alberto Coelho. Enquanto grupo afetivo a AGA permanece ativa, o que mudou foi a prática institucional reivindicatória, que já não parece mais ter o mesmo sentido. Nessa reunião pós-encontro, tentamos esboçar uma “carta-aberta” ou “carta-manifesto” a partir das discussões ocorridas no seminário de Pelotas. No entanto, o imediatismo daquele momento já havia passado, algumas demandas já haviam sido alcançadas e a elaboração da carta foi protelada para uma próxima reunião. Com o passar do tempo, a outra reunião foi desmarcada e a carta deixou de ser considerada relevante, não sendo concluída.

Por outro lado, nos dois últimos CONFAEBs, onde fomos defender a nova configuração da AGA como *tribo afetual*, a ideia continuou a agregar aliados. E essa continua a ser nossa tarefa e desafio,

de congregar, lutar politicamente, mas sem jamais, jamais, perder de vista o horizonte de humanização que a arte pretende. De forma fluida, flutuante, imprecisa, disforme, mas poderosa: como a AG(u)A.

## REFERÊNCIAS:

BAUMAN, Zygmunt. *A Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BENJAMIN, Walter Benjamin. *Sobre o Conceito de História* IN: *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

JOSSO, Marie-Christine. *Histórias de Vida e Formação*. São Paulo: Cortez, 2010.

MAFFESOLI, Michel. *Elogio à Razão Sensível*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

\_\_\_\_\_. *O Tempo das Tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

\_\_\_\_\_. *O Ritmo da Vida: Variações sobre o imaginário pós-moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2007.

MATURANA, Humberto. *Transdisciplinaridade e Cognição*. IN: *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.

MOMBERGER, Christine-Delory. *A Condição Biográfica: Ensaio sobre a narrativa de si na modernidade avançada*. Natal: EDUFRN, 2012.

MATURANA, Humberto. *Transdisciplinaridade e Cognição*. IN: *Educação e Transdisciplinaridade*. Brasília: UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. *Emoções e Linguagem na Educação e na Política*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

MEIRA, Marly. “Construindo Trajetórias”. IN: *Projeto Melhoria da Qualidade de Ensino*. Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Secretaria da Educação, 1992.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2000.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao Pensamento Complexo*. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

\_\_\_\_\_. *O Método 5. A Humanidade da Humanidade*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas. *Escolinha de Arte do Brasil*. IN: REVISTA DO INEP.MEC/SEC, 1980.

SERRES, Michel. *A Lenda dos Anjos*. São Paulo: Ed. Aleph, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Terceiro Instruído*. Lisboa: Instituto Piaget, 1993.

\_\_\_\_\_. *Hominescências: o começo de uma outra humanidade?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.